

**TRABALHO, LINGUAGEM E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DO HOMEM: A  
INFLUÊNCIA DE ENGELS PARA A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

**TRABAJO, LENGUAJE Y EL PROCESO DE HUMANIZACIÓN DEL HOMBRE: LA  
INFLUENCIA DE ENGELS PARA LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL**

**WORK, LANGUAGE AND THE HUMANIZATION PROCESS OF MAN: THE  
INFLUENCE OF ENGELS FOR HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.39116>

Antonio Dário Lopes Junior<sup>1</sup>

Ruth Maria de Paula Gonçalves<sup>2</sup>

Betânea Moreira de Moraes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo analisar a apropriação feita, dentro da Psicologia Histórico-Cultural, das categorias trabalho e linguagem, evidenciando como estas atuam no processo de humanização do homem. Trata-se de um estudo de natureza teórica, realizado mediante pesquisa bibliográfica, sendo dividido em dois momentos. No primeiro, iremos sinalizar o aspecto da essência humana dentro do arcabouço teórico marxiano e engelsiano para, no segundo momento, ressaltar a influência destes autores na perspectiva de humanização proposta pela Escola de Vigotski.

**Palavras-chave:** Trabalho; linguagem; humanização; Engels; Escola de Vigotski

**Resumen:** El presente estudio tiene como objetivo analizar la apropiación que se hace, dentro de la Psicología Histórico-Cultural, de las categorías trabajo y lenguaje y evidencia cómo actúan en el proceso de humanización del hombre. Se trata de un estudio de carácter teórico, realizado a través de la investigación bibliográfica, la cual se divide en dos momentos. En el primero, señalaremos el aspecto de la esencia humana dentro del marco teórico marxista y engelsiano para, en el segundo momento, resaltar la influencia de estos autores en la perspectiva de humanización propuesta por la Escuela de Vigotski.

**Palabras clave:** Trabajo; lenguaje; humanización; Engels; Escuela de Vigotski.

**Abstract:** The present study aims to analyze the appropriation made, within Historical-Cultural Psychology, of the categories work and language, showing how they act in the humanization process of man. It is a theoretical study, carried out through bibliographic research, being divided into two moments. In the first, we will signal the aspect of human essence within the Marxian and Engelsian theoretical framework to, in the second moment, highlight the influence of these authors in the perspective of humanization proposed by the School of Vigotski.

**Keywords:** Work; language; humanization; Engels; School of Vigotski.

### **Introdução**

Como nos tornamos humanos? Como somos humanizados? Como desenvolvemos o nosso pensamento e as formas eminentemente humanas de relação com a natureza, com nossos pares? Estas são algumas das questões mais caras para a filosofia e para a psicologia, com diversas formas de se conceber o fundamento ontológico do ser humano. Algumas perspectivas alocam o fundamento do homem no espírito, enquanto outras defendem que o homem é fruto de seu desenvolvimento biológico. Somente por meio de Marx (2010), com o advento da categoria trabalho, concebida enquanto atividade vital consciente e livre, é que se aloca o fundamento do homem em suas relações materiais.

Contudo, conforme Lukács (2013), embora o trabalho já tenha sido concebido por Marx como ato-gênese do ser social, coube a Engels desvelar de que maneira o trabalho atua no processo de humanização do homem, auxiliando na transição das leis naturais para as leis sociais. Dito isso, nosso estudo será dividido em dois momentos distintos, mas interrelacionados. No primeiro, discorreremos acerca da categoria trabalho, sua importância ontológica e como, por meio dele, o homem consegue criar incessantemente o novo, modificando a natureza e concomitantemente sendo modificado. O caminho traçado na primeira parte se torna relevante para que, no segundo momento, apresentemos o complexo da linguagem, e de que maneira esta atua no desenvolvimento da consciência.

### ***O trabalho criou o próprio homem***

Para se estabelecer a correta relação entre trabalho e linguagem dentro da dimensão teórica de Marx e Engels, é necessário sinalizar como tais conceitos nos auxiliam na compreensão do fundamento do homem dentro da teoria dos dois autores. Se o trabalho se configura enquanto um vetor da atividade do homem, gerando alterações quer na natureza externa, quer na interna; a linguagem, por sua vez, atua como um modo de comunicação social, auxiliando a transmissão das modificações gestadas no processo de trabalho.

Com efeito, quando os autores elegem a categoria trabalho enquanto elemento preponderante, evidenciamos as relações materiais que os homens travam cotidianamente e que os influenciam em suas formas de ser e agir. Não obstante, conforme aponta Lukács (2013), ao elevarmos a categoria trabalho ao fundamento, não podemos fazer uma apreensão esquemática acerca da categoria, ou resumir toda a forma do agir ao aspecto do trabalho. Tendo em vista a dimensão do ser social, ele só pode existir em um complexo composto por ele, pela linguagem e pela sociabilidade (LESSA, 2012).

Assim, a principal questão inerente ao trabalho se refere à intencionalidade desse processo. Nas palavras de Marx (2014, p. 211, grifos do autor):

[...] processo de que participam o homem e a natureza, *processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza*. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de

seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de *apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.*

A este respeito Sánchez Vázquez (2007) sublinha que o trabalho configura, antes de tudo, uma atividade que não visa diretamente, mas somente através da mediação, a satisfação das necessidades, uma vez que, por meio do trabalho, tornamos os objetos próprios ao uso humano, transformando-os em algo novo por meio do auxílio dos instrumentos. Nesse direcionamento, confeccionar os instrumentos significa objetivar-se no mundo dos objetos produzidos pelo trabalho. Temos, dessa forma, um processo contínuo de integração entre a natureza e o mundo dos homens, fazendo com que “[...] a natureza perca seu estado de pura natureza *em si*, para converter-se em natureza humanizada, ou natureza para o homem” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 129, grifo do autor).

Como já apresentado, conforme Lukács (2013), embora Marx já tenha preconizado o trabalho enquanto uma estrutura geral, do feitio com o qual o homem interage com a natureza, transformando-a em um médium, um órgão de sua própria atividade, o qual passa a crescer o seu próprio corpo natural, o filósofo húngaro ressalta o mérito de Engels ao alocá-lo como centro do processo de humanização, ou seja, do tornar-se homem do homem. Uma vez que, “[...] o trabalho é a primeira condição fundamental de toda a vida humana, até o ponto onde, em um certo sentido, deveríamos afirmar que o homem mesmo foi criado por meio do trabalho” (ENGELS, 1983, p. 142).

Engels (1983) em seu escrito *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* nos convida a analisar em que medida os aspectos biológicos e sociais (mediados pelo trabalho) atuam na constituição do que viria a ser o gênero humano. Assim, em um primeiro momento, o ser humano é regido pelas leis biológicas, as modificações sendo alterações morfológicas, e, em um segundo momento, temos o advento das leis históricas.

A importância dos estudos de Engels para o desenvolvimento da Psicologia Histórico-Cultural pode ser evidenciada por meio de Leontiev (2004), precisamente em seus artigos: *A “Démarche” histórica no estudo do psiquismo humano* e *O homem e a cultura*. Nesses trabalhos, o autor sistematiza, de forma detalhada, o papel que o trabalho desempenha no desenvolvimento da consciência humana, bem como o grau de influência dos aspectos biológicos e sociais no processo, que pode ser visto em dois estágios distintos.

O primeiro compreende a preparação biológica do homem, ocorrida entre o fim do terciário e início do quaternário, tendo por representantes os australopitecos: animais com instinto gregário, caracterizados por conhecerem a posição vertical, bem como pela aptidão para algumas operações manuais, o que tornou possível o uso de certo tipo de instrumentos rudimentares (LEONTIEV, 2004).

O segundo estágio, caracterizado pelo surgimento do pitecantropo, e o terceiro, com o homem de Neandertal, podem ser qualificados como estágios de transição para o homem moderno (neantropiano), o qual, de forma diferente do estágio anterior, é marcado pelo início da fabricação de

instrumentos e, também, pelas formas rudimentares de trabalho e sociedade (LEONTIEV, 2004). Sendo este fato o propulsor de uma forma diferente de evolução.

Leontiev (2004) salienta que, até esse primeiro período, a formação do homem estava ainda submetida às determinações biológicas. Em outras palavras, ela se traduzia por alterações anatômicas, transmitidas de geração em geração por meio da hereditariedade. Dessa maneira, afiançamos que, no período de transição, as leis biológicas e sociais passam a atuar na transformação dos indivíduos. Contudo, “[...] nestes estágios intermediários, as novas leis sociais se manifestam, relativamente pouco” (LEONTIEV, 2004, p.173), limitadas ao processo de desenvolvimento biológico. Convém destacar que as duas formas de desenvolvimento tornam-se interdependentes, enquanto os aspectos inerentes à questão da influência social só alcançam aquilo que a maturação biológica possibilita: o ser que será humano passa a se transformar por meio do trabalho e da comunicação pela linguagem que este suscitava. Tais fatores gerarão uma série de transformações na constituição anatômica desse mesmo homem, “[...] do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos da linguagem; em resumo, o desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento da produção” (LEONTIEV, 2004, p. 280).

Por meio da perspectiva de Leontiev (2004), assinalamos que na passagem para o homem neantropiano o aparato biológico já se encontra formado, com isso as limitações impostas pela esfera biológica são superadas. Com efeito, tais assertivas não se configuram como uma oposição entre os aspectos biológicos e sociais, uma vez que Vygotski (2012) e Leontiev (2004) advogam que, para que o ser possa desenvolver as formas superiores de conduta, precisa ter certo grau de maturação biológica.

Percebemos, então, a mudança do elemento que promovia o desenvolvimento. Se por um lado tínhamos os aspectos inerentes às forças da natureza, agora, no ser humanizado pelo trabalho, passamos a ser circunscritos às determinações das leis histórico-sociais. Tal fato faz com que o homem, doravante, o ser humanizado pelo trabalho, passe a seguir as determinações das leis histórico-sociais, a qual gesta significativas modificações no processo de autoprodução do ser social e na forma como este se relaciona com a natureza em busca da satisfação de seus carecimentos vitais.

Desse modo, sinalizamos a transposição de duas esferas ontológicas: a passagem do ser biológico para o ser social. Gonçalves e Jimenez (2013), ancoradas em Lukács, recuperam a existência de três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, a orgânica e o ser social: o ser inorgânico, o mineral, não possui vida, sua evolução consiste em apenas se tornar outro; o ser biológico, por outro lado, tem a característica da reprodução, ele cria um novo ser, mas este novo é sempre o mesmo; por fim, a terceira esfera configura o surgimento do ser social, o qual tem como particularidade a contínua produção do novo, de maneira conscientemente orientada.

Nesse sentido, tanto na esfera biológica quanto na do ser social, encontramos a produção e a reprodução da vida; o que os difere, no entanto, reside na intencionalidade de suas ações. Marx (2010, p. 85) aponta que o animal, o ser biológico, é preso a suas determinações biológicas e produz

[...] apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; [no animal,] o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species à qual pertence, enquanto o homem sabe reproduzir segundo a medida de qualquer species (MARX, 2010, p. 85).

Com Lukács (2013), compreendemos que, embora os animais atuem sobre a realidade natural e a transformem, tal ação não ocorre de maneira intencional ou consciente, estando circunscrita ao aspecto biológico. O homem, por outro lado, ao nascer, deve, primeiramente, se apropriar do mundo que o cerca, um ambiente composto por objetos/valores de uso e relações sociais desenvolvidos pelas gerações precedentes. Destacando que as transformações que imprimem na natureza, antes de se tornarem objetos, já existiam como ideia em sua consciência. Nesse sentido, Marx (2014, p. 215) afirma que:

Quando um valor-de-uso sai do processo de trabalho como produto, participam da sua feitura, como meios de produção, outros valores-de-uso, produtos de anteriores processos de trabalho. Valor-de-uso que é produto de um trabalho torna-se, assim, meio de produção de outro. Os produtos destinados a servir de meio de produção não são apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho.

Evidenciamos, assim, que o momento essencialmente separatório do trabalho tem início pelo processo de fabricação de instrumentos. No entanto, esta produção não ocorre por uma ação direta do homem com a natureza, mas inserida na “[...] atividade comum coletiva, de modo que o homem, no seio deste processo, não entra apenas numa relação determinada com a natureza, mas com os outros membros de uma dada sociedade” (LEONTIEV, 2004, p. 80). Em suma, o trabalho é, portanto, mediatizado desde sua origem, tanto pelo instrumento que produz, como pela sociedade na qual está inserido de uma maneira mais geral.

Nesse contexto, o processo de trabalho impulsiona um tipo de relação nunca antes visto: por meio dele, o ser não simplesmente reage à natureza, ou passa por transformações para adaptar-se à natureza em um processo de especialização, mas a transforma, modifica, altera. Deve necessariamente gerar um produto, que, para Marx (2014), se constitui de um material da natureza que foi adaptado às necessidades humanas, passando a servir como vetor da atividade deste sobre a natureza.

Percebamos que os instrumentos aqui ocupam uma dupla função, tanto evidenciam aquilo que os objetos querem dizer em si, quanto apontam para as novas conexões, novas possibilidades movidas pelo desenvolvimento histórico. Com efeito, conforme Lukács (2013), assinalamos que no processo do trabalho a finalidade, o advento do produto dita os meios para sua produção.

No entanto, ao estudarmos o processo de trabalho, devemos percebê-lo em sua continuidade histórica, que, para Vygotski (2012) se configura enquanto apreendê-lo em movimento. Assim, o conhecimento mais adequado que fundamenta a utilização dos meios é, na esfera do ser social, tão importante quanto a posição dos fins para a efetiva satisfação das necessidades.

A esse respeito, para Marx (2014), a ferramenta pode ser vista enquanto uma coisa ou complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho, o qual lhe serve para dirigir sua atividade a este objeto. Dessa forma, faz-se de algo existente na natureza um órgão de sua própria atividade, “[...] um órgão que acrescenta a seus próprios órgãos corporais, aumentando seu corpo natural” (MARX, 2014, p. 213). E mesmo que não guarde nenhuma relação direta com a situação existente, a ferramenta é posta a serviço da adaptação ativa do ser social.

Nesse sentido, para continuar o traçado da importância desempenhada pelo trabalho no processo de humanização, devemos explicitar a importância da atividade instrumental, tendo em vista que a confecção das ferramentas, por si só, já mudava radicalmente a atividade do homem primitivo, ou seja, o trabalho desempenhado com a preparação destas já não se configura com uma atividade motivada pelo aspecto biológico (imediate). Assim, é pouco provável que o uso de ferramentas, que difere essencialmente da adaptação orgânica, não geste o surgimento de novas funções, ou novos comportamentos, os quais Vygotski (2012) denomina como conduta superior.

Podemos retomar a centralidade que o trabalho ocupa dentro do processo de humanização tendo em vista que, por meio dele, o homem criará os instrumentos e signos que o auxiliarão no domínio tanto da natureza quanto de seu próprio comportamento ou de outrem. O trabalho pode ser encarado como o vetor para compreendermos o ser social enquanto historicidade. Em decorrência desse fato, aprofundamos que toda função psicológica superior é social.<sup>4</sup>

Assim, a natureza humana passa a estar intimamente relacionada com a sua produção material e espiritual, bem como com a apropriação destas. Parafraseando Marx e Engels (2007b), cada geração pisa nos ombros da geração anterior, se apropria de suas produções e a partir daí segue desenvolvendo suas formas de se relacionar com a natureza, novas formas de organização social e novas necessidades. Sendo esta a chave para o desenvolvimento do mundo dos homens, a satisfação das necessidades e a criação de novas, cada vez mais sociais.

Enfatizamos que esta concepção se contrapõe a visões biologicistas e mentalistas, nas quais o fundamento do homem se encontraria em sua dimensão quer biológica, quer espiritual. Para Marx e Engels (2007a; 2007b), o homem necessita estar inserido na tessitura das relações sociais, as quais possibilitam o processo de apropriação das objetivações que se constituem enquanto o patrimônio de seu gênero. Em outros termos, para se humanizar, cada ser humano deve interiorizar as riquezas, tanto materiais quanto espirituais, produzidas ao longo da história do gênero (MORAES; COSTA; GONÇALVES, 2015).

Evidenciamos as contribuições de Engels (1983) e os decorrentes impactos na ciência psicológica, uma vez que o autor advoga que, ao adotarmos a centralidade do trabalho, introduzimos na investigação dos fenômenos humanos a concepção de historicidade, por meio da qual o processo de reorganização dos mecanismos naturais se dá em decorrência da evolução sócio-histórica do homem. Tal reorganização é, portanto, o resultado necessário da apropriação pelo homem dos produtos da cultura no decurso de seu contato direto com outros representantes do gênero humano.

Contudo, quando defendemos o entendimento do ser humano enquanto um ser historicamente situado que deve se apropriar da materialidade, não estamos reduzindo o ser à história em uma espécie de determinismo histórico. Muito ao contrário, as condições que atuam e determinam o indivíduo concreto não podem ser entendidas enquanto grillhões alheios a ele, que apenas o reprimem e sufocam, mas, sim, às condições internas e reais de sua individualidade (MORAES, 2007). Nessa perspectiva, sinalizamos que, ao pensar na individualidade humana, esta seria constituída através da participação ativa do sujeito no mundo social e do feito com o qual se apropria dessas experiências de uma maneira singular.

A discussão acerca do trabalho nos serviu como um preâmbulo para a discussão acerca da linguagem, tendo em vista que a categoria do trabalho nos auxilia no salto, na transição entre o homem regido pela natureza biológica, e as leis sociais (LOPES JÚNIOR; GONÇALVES; MORAES, 2017), as quais serão perenizadas por meio da linguagem, abordada a seguir.

### ***Primeiro o Trabalho, e ao mesmo tempo a Linguagem***

Começamos nossa explanação sobre o trabalho e trilhamos uma rota que nos permitiu consubstanciar sua importância ontológica na obra de Engels, dando ênfase à forma como o trabalho nos auxilia, por meio da confecção dos instrumentos, na constituição da essência humana. Por meio das propostas de Engels acima referenciadas, os autores da escola de Vygotsky nos apontam a fundamentação para afirmarmos que na relação entre trabalho e linguagem é que se encontra a gênese da consciência humana.

Sinalizamos, assim, que o desenvolvimento da linguagem se configura como a segunda condição principal que levará ao desenvolvimento da atividade consciente do homem (LURIA, 1991). No entanto, tal afirmação não se refere a uma gradação cronológica. Ser primeiro, o fundante, não significa ser anterior, mas, sim, portador das determinações essenciais que constituirão o ser social. Primeiro temos o trabalho, a transformação da natureza mediada pelos instrumentos e pela sociabilidade. Depois, mediante a criação do produto, temos a linguagem, maneira pela qual os demais membros de determinado grupo social se apropriam daquilo que foi produzido. Assim, de acordo com Marx e Engels (2007b, p. 53), a linguagem pode ser considerada tão antiga quanto a consciência,

[...] a linguagem é a consciência prática, a consciência real, que existe também para os outros homens e que, portanto, começa a existir também para mim mesmo; e a

linguagem nasce, assim como a consciência, da necessidade, da carência de intercâmbio com os demais homens.

Percebemos, assim, que a função da linguagem é a comunicativa. Para Vigotski (2009, p. 11) ela é, “[...] antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão”, sendo composta por um sistema de códigos, por meio dos quais é possível designar objetos, ações, qualidades e possíveis inter-relações entre quaisquer desses aspectos. Comunicação por meio da qual o homem consegue transmitir as informações assimiladas através da experiência acumulada pelas gerações precedentes (LURIA, 1991).

Como a linguagem se configura enquanto um complexo originado a partir do trabalho, afirmamos que nos demais seres, embora exista uma forma de comunicação, esta não é uma linguagem. Antes é configurada enquanto um epifenômeno do orgânico, em que o animal experiente, ao perceber o perigo, emite algum som gutural para o resto do bando: ele não comunica aos demais membros o que viu, não se utiliza dos signos, mas os contagia com a sensação que teve ao ver o potencial perigo. Temos, nessa situação, uma das formas mais primitivas de comunicação. A esse respeito, Vigotski (2009) e Luria (1991) declaram que nesses seres não percebemos o emprego sistematizado dos signos, os quais comporão o sentido da palavra, do símbolo, da linguagem, uma vez que “[...] sem significado a palavra não é palavra, mas som vazio. Privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem” (VIGOTSKI, 2009, p. 10).

Os postulados de Luria, Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves (2020) nos demonstram que a linguagem se relaciona de três formas com a atividade humana e, em decorrência desta, com a consciência. Em primeiro lugar, por meio da linguagem, conseguimos denominar objetos ou fenômenos do mundo exterior e, uma vez que este processo é feito, nós os conservamos na memória, representando-os. Em segundo lugar, ao nomear um objeto, conseguimos não apenas deslocar a atenção para tal objeto, “[...] como também atribuímos a ele certo valor e funcionalidade, ou seja, abstraímos as propriedades essenciais destes objetos, ao relacionar as diversas dimensões perceptíveis em categorias” (LOPES JUNIOR; MORAES; GONÇALVES, 2020, p. 4899).

Tais características da linguagem permitem visualizar a sua importância para o desenvolvimento do sujeito, uma vez que a possibilidade de representar a realidade, bem como a de reconhecer as funções dos objetos, evidencia que o mundo é conhecível, gerando um afastamento progressivo do homem para com a natureza natural, daí surgindo a relação entre “sujeito-objeto”.

Com efeito, conforme as assertivas desenvolvidas por Lukács (2013) e Vygotsky (2009, 2012), sinalizamos que o trabalho gesta um distanciamento real entre o sujeito e o objeto, o qual passa a ser comunicável por meio da linguagem, convertendo-se em um patrimônio da sociedade. Tal fato confere à linguagem a possibilidade de se converter não apenas em meio para a comunicação, como também em veículo para o pensamento, assegurando a transmissão do sensorial ao racional, no que se refere à percepção do mundo.

A esse entendimento Martins (2015) acrescenta que, ao transpor os limites promovidos pela representação imediata da realidade própria dos animais, o homem passa a representar cognitivamente os fenômenos por meio da linguagem. Ao homem passa a ser possível, na dimensão do ser social, não apenas o intercâmbio de objetos físicos, mas, acima de tudo, o intercâmbio de representações/pensamentos.

A capacidade da representação, bem como o reconhecimento dos aspectos da realidade irão desembocar na terceira característica da linguagem para Luria (1991), responsável pela transmissão da informação, da experiência socialmente desenvolvida e acumulada dos instrumentos e das formas de se relacionar com a natureza modificada pelo trabalho, a qual deve ser apropriada pelos sujeitos em seu processo de humanização. A linguagem pode ser considerada um instrumento mediador, pois auxilia o indivíduo a

[...] dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o *surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante para o desenvolvimento da consciência* (LURIA, 1991, p. 81, grifo do autor).

Em suma, com Martins (2016), amparada em Luria (1991), afirmamos que apenas por meio da linguagem é possível a abstração das propriedades, condicionantes, características da situação-problema ou da tarefa a ser realizada, o que auxilia em sua formulação sob a forma de ideias, conceitos ou juízos. Para a autora, a linguagem “[...] possibilita o raciocínio sistematizado, o exercício intelectual de checagem das conexões entre os objetos e fenômenos da realidade e suas propriedades essenciais” (MARTINS, 2016, p. 1574).

Dessa forma, a linguagem nos auxilia no processo de reprodução do ser social, uma vez que é por meio dela que o sujeito irá se apropriar da realidade social modificada mediante a ação do homem. Assim, o complexo da linguagem irá encontrar íntima relação com o complexo da educação, o qual, para Lukács (2013), consiste na mediação entre a individuação e a generalidade, o caráter social a ela inerente consistindo em uma das especificidades da esfera ontológica a que o ser humano pertence. Assim, em contrapartida da esfera orgânica, na qual a reprodução se refere à reposição do mesmo, no ser social consiste em um produzir incessante do novo. A sociabilidade não pode ser vista enquanto um processo estático, mas produzida pelo conjunto dos homens em seu eterno devir.

Assim, enquanto os animais “aprendem” unilateralmente como responder a modificações do ambiente, a educação humana consiste em capacitar os homens a reagirem de forma adequada aos novos e imprevisíveis acontecimentos que ocorrem ao longo da vida. Em virtude disso, para Lukács (2013), a educação do homem, no sentido mais amplo possível, nunca está totalmente concluída.

Com efeito, sinalizamos o papel primordial da escola, nas sociedades escolarizadas, no processo de reprodução do ser social, uma vez que a escola se configura como o lócus privilegiado para a

apropriação dos instrumentos de trabalho e de domínio das possibilidades humano-genéricas, ao passo que desenvolve no candidato à humanidade novas formas de raciocinar e compreender a realidade de forma cada vez mais ampla.

### **Conclusão**

A breve explanação que agora se encerra teve por objetivo primordial demonstrar o papel que as categorias trabalho e linguagem exercem no processo de humanização do homem e conseqüentemente na gênese da consciência, a qual deve ter seu substrato na base material da sociedade. Dessa forma, retomamos os postulados de Engels, o qual vai evidenciar o caráter primevo do trabalho e da atividade instrumental na transição do mundo natural para o mundo social, destacando sua influência para os postulados da Psicologia Histórico-Cultural.

Na esteira dessas discussões, aportamos na categoria da linguagem, a qual tem por função a comunicação social, auxiliando o ser social no reconhecimento e representação da realidade para além dos traços sensíveis e, dessa forma, atuando sobremaneira no desenvolvimento da consciência.

Por fim, discorreremos sobre a forma como o complexo da linguagem possibilita o processo de reprodução social, em que o processo de tornar-se homem do homem encontra íntima relação com as possibilidades que este tem para se apropriar tanto da riqueza material quanto espiritual produzida ao longo da história da humanidade.

### **Referências**

- ENGELS, F. **Dialéctica de la naturaleza**. 1983. Disponível em: <http://archivo.juventudes.org/textos/Friedrich%20Engels/Dialectica%20de%20la%20Naturaleza.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.
- GONCALVES, Ruth Maria de Paula; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. Relações antagônicas entre sentido e significado do trabalho no capital: uma análise na perspectiva ontológica. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 685-694, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000300022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300022&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2020
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**, São Paulo, Centauro, 2004.
- LESSA, S.; **Mundo dos homens: trabalho e ser social**, São Paulo, Instituto Lukács, 2012.
- LIMA, M. F.; JIMENEZ, S. V. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 73-94. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 set. 2020.
- LOPES JUNIOR, A. D.; MORAES, B. M.; GONÇALVES, R. M. P. As contribuições de Vigotski para o cenário educacional brasileiro: as funções psicológicas superiores em foco. **Educação em Perspectiva**, v. 8 n. 1, p. 72-88, 2017. Disponível em: <https://educacaoemperspectiva.ufv.br/index.php/ppgeufv/article/view/802/202>. Acesso em: 10 set. 2020.

LOPES JÚNIOR, A. D.; MORAES, B. M.; GONÇALVES, R. M. P. Linguagem e formação de conceitos: uma leitura a partir da escola de Vigotski. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 4895-4908, set. 2020. ISSN 1984-8412. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17n2p4895/44090>>.

Acesso em: 10 set. 2020.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**, 2, São Paulo, Boitempo, 2013.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. v. 1.

MARTINS, L. M. Desenvolvimento do pensamento e educação escolar: etapas de formação de conceitos à luz de Leontiev e Vigotski. **Fórum Linguístico**, v. 13, p. 1572-1586, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/2444>. Acesso em: 10 set. 2020.

MARTINS, L. M. A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. **Germinar: Marxismo e Educação em Debate**, v. 7, p. 31-46, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminar/article/view/12291>> Acesso em 10 set. 2020

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**, vol. I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007a.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007b.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**, São Paulo, Boitempo, 2010.

MORAES, B. M. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista**: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx. 2007. 161f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007. Disponível em:

<[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2964/1/2007\\_TESE\\_BMMoraes.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2964/1/2007_TESE_BMMoraes.pdf)>, Acesso em: 15 set. 2020.

MORAES, B. M.; GONÇALVES, R. M. P.; COSTA, F. J. F. Reflexões Crítico-Ontológicas Sobre Indivíduo E Educação Na Perspectiva Da Emancipação Humana. **Cadernos de Pesquisa (UFMA)**, v. 22, p. 16/3903-12441-1-30, 2015. Disponível em: <

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/3903>> Acesso em: 10 set. 2020

SÁNCHEZ VAZQUES, A. **Filosofia da práxis**, São Paulo, Expressão Popular, 2007, p. 109-170.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**: Problemas del desarrollo de la psique, Tomo III, Madrid, Visor, 2012.

---

### Notas

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Docente do curso de psicologia da Uniateneu. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2387841293696521>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7213-9840>. Email: [adlopesjunior@hotmail.com](mailto:adlopesjunior@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pós-doutora em psicologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Coordenadora no Núcleo de Psicologia Social (NUSOL-UECE). Pesquisadora do Grupo de pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3296375401196765](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3296375401196765). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7515124468091526>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0070-4123>. Email: [depaularuth@gmail.com](mailto:depaularuth@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pós-doutora em psicologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará cedida para a Universidade Estadual Vale do Acaraú. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Pesquisadora do Grupo Ontologia Marxiana e Educação - UFC:

---

dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8019580645873770. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0834231585359453>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8760-0380>. Email: [betaneamoraes@hotmail.com](mailto:betaneamoraes@hotmail.com)

<sup>4</sup> Quando retomamos os postulados de Vigotski, compreendemos a existência dois tipos de funções psicológicas, as Funções Psicológicas Elementares, as quais estão radicadas no desenvolvimento biológico do ser humano, e as Funções Psicológicas Superiores, que, por sua vez, têm sua origem radicada na internalização do signo, sendo, dessa forma, social.

Recebido em: 30 de setembro de 2020

Aprovado em: 21 de janeiro de 2021